

(DES)VENTURAS DE NÃO USAR MANUAL DIDÁTICO

Inah de Souza Nascimento Abejdid

RESUMO

Duas conversas mantidas entre professor e pais de alunos durante uma reunião de pais, focalizando o mesmo assunto: a não-utilização do livro didático em Língua Portuguesa.

Como explicar a um pai que sua filha não precisa “decorar” regras — ela *as descobre* a partir do uso, falado ou escrito, que faz da língua.

Como explicar ao pai e à mãe de um aluno de 12 anos que a “desorganização” desse aluno não é consequência da falta de um livro didático de Língua Portuguesa, mas sim uma tentativa de estabelecer sua própria identidade.

Treze horas.

A responsável pela disciplina avisa que os pais estão me aguardando na sala da sexta série: reunião de pais.

Supervisora da 6ª. série B, preenchendo fichas, fazendo Conselho de Classe, ouvindo reivindicações dos alunos, reclamações dos professores (“A turma está impossível!”).

~~Agora~~, para completar — os pais.

Saio de uma reunião que começara às 11 horas. Tenho tudo que não gostaria: fome, sede, vontade de ir ao banheiro. Mas lá vou eu ouvir os pais dos alunos.

(1) Professora de Português do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco.

“Você pode me explicar uma coisa? Antigamente, quando eu estudava Português, a gente tinha que usar um livro bem grosso — a gramática. O professor dava todas aquelas regras e a gente tinha que decorar pra usar na prova. Você não faz assim? Preciso comprar uma gramática pra minha filha?”.

E eu, ouvindo a dúvida (a cobrança?), lembrando que também estudava assim; aos poucos, mas em fração de segundos, sentia e compartilhava com aquele pai — colega de Universidade — a frustração que tínhamos nas aulas de Português — com ele me identificava, mas me diferenciava: tinha descoberto outro caminho. . .

“Você gostava de estudar Português?” — devolvi-lhe a pergunta.

“Detestava e até hoje tenho traumas daquelas famosas regras, e da análise sintática, nem se fala”.

“Pois sua filha gosta das aulas de Português. Você sabe por quê?”

“Bom, algo deve ter mudado. Não entendo como ela escreve bem sem decorar as regras. . .”

“Quando você fala, escreve, fica lembrando regras? E as crianças pequenas?”

“É verdade, nem lembro mais do que decorei. . .”

“Agora volto a sua pergunta inicial — ainda quer a resposta?”

“Como os alunos conhecem as regras? Você sabe, nos concursos. . .”

E com a observação desse pai, fiquei rindo daqueles professores que se julgavam excelentes porque “enchem” a cabeça (e a paciência) dos alunos, com regras e mais regras — pensando que ensinam. . . Tive pena daqueles colegas que se ausentam das discussões sobre o papel social e político da escola, da educação, alegando “Não tenho nada com isso”.

“Sua filha não precisa conhecer as regras: ela “descobre”, a partir do uso, falado ou escrito, que faz da língua. Ela não precisa decorá-las porque ela já as domina como falante da Língua Portuguesa”.

O pai de minha aluna saiu sem dúvidas. Deixou um bocado delas comigo. . .

E outro atendimento. Agora um pai e uma mãe de aluno.

“Você não acha que, usando livro nas aulas, os alunos seriam mais organizados? Meu filho anda tão desarrumado. . .”

Vou ouvindo as observações, olhando as notas do aluno “desarrumado”, pensando. . .

“Mas seu filho usa livro, aliás, ele gosta muito de ler os livros de literatura da Biblioteca de Classe”.

“Eu falo é do livro didático”.

“Mas eu uso material didático; seleciono o melhor que tenho, crio o que não tenho; os alunos guardam este material numa pasta”.

“Ah! Mas meu filho perde tudo. Se fosse livro era mais fácil controlar”.

Eis aí a palavra-chave: controlar, pensei imediatamente.

“Seu filho está em recuperação em Matemática, Ciências, OSPB. Esses professores não usam livro didático?”

“Usam, mas acho que meu filho não está preparado para uma escola liberal. Estou pensando em transferi-lo para um colégio lá perto de casa — eu conheço o diretor, os professores; fica mais fácil controlar”.

E, de novo, a mesma palavra de antes: controlar.

A cada trecho que ouvia, a “desarrumação” de Patrick (o aluno) ia se explicando. Ele, na busca de sua identidade, rasgando os modelos de casa — sofrendo. O pai dizia que, antes, o filho era estudioso, organizado, mas agora. . .

Comecei a olhar com mais atenção para meu aluno que buscava ser ele mesmo e rompia assim com o modelo que os pais haviam escolhido para ele. Justifiquei o desespero dos pais — Patrick não se acomodava ao modelo que lhe impunham.

Entendi a desarrumação da maioria dos meus alunos de 6ª. e 7ª. séries. Justifiquei a existência de pessoas desajustadas por falharem nessa busca de identidade.

“Você, diga *sinceramente*, acha melhor ou não tirar Patrick daqui?”

Os pais, em desespero, pedindo que eu concordasse em apontar a escola como culpada de tudo.

“Que tal tentarmos deixá-lo mais uma etapa — a segunda? Quem sabe tudo se resolve?”

Tentava argumentar, um pouco desanimada, julgando-me impotente, fraca, diante daquele pai, daquela mãe que sentiam o filho escapando pelos dedos e fechavam as mãos tentando detê-lo, em vão.

Aprendi, como professora, a aceitar o desafio do “outro”, mas impossível *dizer* minha experiência àqueles pais — eles precisavam *viver* essa diferença e, mesmo sofrendo, aprender a conviver com os “outros”.

Uma semana depois a secretaria avisava-me que Patrick havia sido transferido. E eu, que tinha jurado não fazer mais reuniões de pais, desisti da jura.